

O HOMEM QUE SE ARRANJOU

Peça em um prólogo e 3 actos de RAMADA CURTO. Publicada em 1931 (e incluída na antologia «Teatro Português, do Romantismo aos Nossos Dias», 1960).

Representada pela primeira vez no Teatro Politeama em 25 de Julho de 1928.

[...]

3 cenas: «um botequim de bairro excêntrico» (prólogo); «uma escada de prédio novo para inquilinos ricos» (1.º acto); uma sala-escritório com uma larga varanda envidraçada ao fundo (2.º e 3.º actos).

Toda a gente diz que o arquitecto Teixeira é «o homem que se arranjou»; todos mais ou menos acreditam que a sua fortuna foi obtida em África, graças a um negócio escuro de concessão de terras aos alemães; segundo eles, vive num palacete, com garagem, grades de ferro a toda a volta; tem um Rolls-Royce com chauffeur de libré, sua família vive no maior luxo, sua mulher gasta rios de dinheiro em toilettes. E quando toma qualquer atitude digna, como por exemplo fazer gratuitamente o projecto para uma escola num bairro pobre, toda a gente diz que «é para deitar poeira nos olhos!» Na realidade, porém, Teixeira vive num andar dum prédio moderno, mas no meio das maiores dificuldades. Tem uma filha de 16 anos, Luísa, gravemente doente, necessitada duma intervenção cirúrgica, e o pai que nem dinheiro tem para lhe pagar a operação não sabe como dizê-lo ao médico, que o supõe tão rico como todos dizem. No prédio em que reside, todos falam mal dele, mesmo quando o procuram para lhe pedir empréstimos, como um seu antigo companheiro de colégio, ou uma boa colocação de capitais, como os seus vizinhos, o juiz Albuquerque e o General Gouveia. Sabendo-o «hábil nos negócios», vêm entregar-lhe acções duma companhia africana para que ele as venda na melhor altura, no máximo da alta – «que ele há-de saber muito bem qual é». De toda a vizinhança só uma pessoa o compreende, conhece os problemas da família, sabe que até já se viram forçados a empenhar umas jóias modestas para fazer face à doença da filha e que acompanha esta durante os longos repousos a que está obrigada. É Leonor, a «perfumada», que «está por conta do Banqueiro Cardoso», a quem as senhoras não falam e os homens só falam quando não estão junto das senhoras. A cura, um tanto milagrosa, de Luíza não desperta no pai o regozijo que seria natural. Teixeira anda triste, acabrunhado, e finalmente confessa a Leonor: agora sim, deixou de ser honesto. É que no dia seguinte à entrega dos papéis de crédito pelos seus vizinhos, ele foi vendê-los por 36 contos, com a intenção de gastar o dinheiro na viagem e instalação de sua filha num Sanatório em França, como o médico recomendava. E assim daria razão às vozes do mundo; finalmente seria «esperto» como não tinha sido na opinião do seu antigo colega, ao não ter praticado em África os actos de que o acusavam. Mas as melhoras de Luíza acentuaram-se de tal forma que se tornou desnecessária a ida para o Sanatório. Agora as acções valeriam muito mais, os vizinhos reclamariam os seus lucros e ninguém iria acreditar que ele não tivesse gasto a diferença em seu proveito... De facto os vizinhos aparecem, não para o acusar, mas para o felicitar dada a sua «comprovada competência nestes assuntos». Enervado, ele diz-lhes que tem ali apenas 36 contos e nada mais. Que façam o que entenderem. Mas a reacção dos vizinhos é inversa do que ele previa. Andavam alarmados devido a grande baixa

verificada nos últimos dias e que viria a terminar com a falência da própria companhia no dia anterior, e afinal Teixeira vendera no momento certo as acções pelo valor mais alto que elas haviam atingido na bolsa! E abraçam-no, dão-lhe os parabéns pela «precisão da manobra». A fim de obsequiá-lo, insistem para que ele aceite jantar com sua família em casa do juiz Albuquerque. Teixeira apresenta apenas uma condição: Leonor, a melhor amiga da família, também será convidada. À ligeira resistência que opõem, ele lembra que aquela senhora vive com o banqueiro Cardoso e eles necessariamente hão-de querer colocar bem o seu dinheiro... Imediatamente, o general e o juiz declaram nutrir pela senhora a mais respeitosa simpatia e ter muita honra em recebê-la em sua casa... Assim termina, em bem, uma história de gente má.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 207-208.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.